



GUERRA NO ORIENTE MÉDIO

Ocidente condena Israel por ataques à ONU

Alemanha, França, Itália e Reino Unido exigem o fim das agressões aos capacetes azuis, no sul do Líbano. Chefe da força de paz Unifil descarta abandonar posições. Netanyahu promete guerra "sem piedade" contra o movimento xiita Hezbollah

» RODRIGO CRAVEIRO

Depois de o secretário-geral da ONU, António Guterres, advertir que os ataques do Exército de Israel aos capacetes azuis "podem constituir crimes de guerra", o Ocidente exigiu que as agressões contra a Unifil (Força Interina das Nações Unidas no Líbano) parem "de uma vez por todas". Em nota conjunta, Alemanha, França, Itália e Reino Unido destacaram o "papel essencial de estabilização" desempenhado pela Unifil e afirmaram que Israel deve garantir a segurança da missão. De acordo com o texto, os ataques são contrários ao direito humanitário internacional. O chefe das tropas de pacificação da ONU, Jean-Pierre Lacroix, garantiu que os capacetes azuis manterão suas posições no território libanês. "Foi tomada a decisão de que a Unifil permaneça atualmente em todas as suas posições apesar dos apelos das Forças de Defesa de Israel (IDF) para que abandonem as posições próximas à Linha Azul", disse. "Quero destacar que essa decisão segue de pé. Foi confirmada esta manhã pelo secretário-geral." Mais cedo, o primeiro-ministro da Espanha, Pedro Sánchez, cujo país mantém soldados na Unifil, garantiu que "não haverá retirada" das Nações Unidas.

Às 4h30 de domingo (22h30 de sábado, em Brasília), dois tanques israelenses destruíram o portão de uma posição da Unifil e entraram no local, onde permaneceram por 45 minutos. Às 6h40, os capacetes azuis reportaram o disparo de artilharia, 100m ao norte do prédio da Unifil. Cinco soldados da ONU ficaram feridos e 15 sofreram efeitos da fumaça liberada no ataque — irritação na pele e reações gastrointestinais. A Unifil acusou o Exército israelense de disparar "repetida" e "deliberadamente".

O primeiro-ministro de Israel, Benjamin Netanyahu, fez um pronunciamento em inglês, em que rejeitou as alegações de que o Exército judeu tenha atuado de forma intencional no ataque. "A acusação de que Israel deliberadamente atacou os funcionários da Unifil é completamente falsa", declarou. "É exatamente o oposto. Israel pediu repetidamente à Unifil que saísse do caminho do perigo. Pediu repetidamente que eles deixassem temporariamente

a zona de combate, que fica bem ao lado da fronteira de Israel com o Líbano." O premiê reforçou que o movimento xiita Hezbollah utiliza "as instalações e posições da Unifil para realizar ataques".

"Sem piedade"

Netanyahu prometeu continuar "atacando sem piedade o Hezbollah" em todo o Líbano. No domingo, o grupo xiita usou um drone para bombardear uma base de treinamento da Brigada Golani (força de elite do Exército judeu), em Bin-yamina, no norte de Israel. O ataque deixou quatro soldados mortos e 60 feridos. Em Aito, no norte do Líbano, o Ministério da Saúde libanês anunciou que 21 pessoas morreram durante bombardeio israelense a um vilarejo de maioria cristã.

Pesquisadora do Centro de Pesquisas Internacionais do Instituto Sciences Po Paris, Marina Calculli explicou ao Correio que Israel deseja remover a Unifil, pois a vê não apenas como impedimento à invasão, mas como uma supervisão internacional das violações sistemáticas do direito internacional. "Foi a Unifil que documentou o uso recente, por parte de Israel, de fósforo branco. Isso é crucial em um momento no qual o governo israelense tem a intenção de reocupar e, eventualmente, colonizar o Líbano, usando métodos de guerra sem precedentes."

Para Calculli, Israel não trava batalha contra todo o Líbano. Ela disse que Netanyahu não se preocupa com os críticos porque tem os EUA na retaguarda, e todos os governos europeus estão prontos para tolerar violações cometidas pelos israelenses. "O que vemos é o desenrolar de um plano de Israel e EUA para mudar o regime no Líbano, na Síria, no Iraque e no Irã."

Gaza

As IDF confirmaram que bombardearam um "centro de comando e controle que fica em um complexo que abriga o Hospital Mártires de Al-Asa, na cidade de Deir Al Balah, no centro da Faixa de Gaza. A Defesa Civil de Gaza informou que o ataque deixou quatro mortos e vários feridos. Imagens de vídeo divulgadas pelas redes sociais mostram palestinos queimados vivos.

AFP



A área de atuação da Unifil

Zona de implementação da Unifil, suas posições e as zonas militares fechadas por Israel e ao longo da Linha Azul (criada para confirmar a retirada das forças israelenses do sul do Líbano)



*Somente as forças armadas libanesas e os Capacetes Azuis estão autorizados a se mobilizar nessa área, segundo a Resolução 1701 do Conselho de Segurança da ONU que levou ao fim da guerra de 2006 entre Israel e Hezbollah. **Em 13 de out. (lista não exaustiva)

Fontes: Exército israelense, Hezbollah, Institute for the Study of War e AEI's Critical Threats Project, FPNUL. Dados cartográficos: OSM. AFP

Missão de estabilização na fronteira israelo-libanesa
A Força Interina das Nações Unidas no Líbano (Unifil, na sigla em inglês) atua no sul deste país desde 1978. Com cerca de 9.500 soldados, está posicionada entre o Rio Litani e a fronteira com Israel. O quartel-general se situa em Ras al Naqura, perto da divisa com Israel. Indonésia, Índia, Gana, Nepal, Itália, Malásia, Espanha, França, China e Irlanda são os dez países principais que fornecem contingentes à missão. A Unifil reivindica a aplicação da Resolução 1701 do Conselho de Segurança, que pôs fim à guerra entre Israel e Hezbollah em 2006. O texto estipula o fim das hostilidades em ambos os lados da fronteira e dispõe que apenas estejam destacadas no sul do Líbano as forças de manutenção da paz da ONU e o Exército libanês. O Conselho de Segurança da ONU criou a Unifil em 1978 e mobilizou à época 6 mil homens, depois de uma primeira invasão de uma parte do sul do Líbano por Israel, que afirmava proteger o norte de seu território dos combatentes da Organização para a Libertação da Palestina (OLP).

ESTADOS UNIDOS

Trump defende mobilizar exército contra "inimigo interno"

Donald Trump, que admira abertamente (e há bastante tempo) vários ditadores, radicalizou o discurso a três semanas das eleições presidenciais americanas, com ameaças diretas ao "inimigo interno". Uma das marcas registradas do magnata republicano como presidente foi seu uso constante da frase "inimigo do povo" para descrever os meios de comunicação, ou ao menos os que não lhe agradam.

No domingo, Trump, que está empatado nas pesquisas com a vice-presidente democrata, Kamala Harris, surpreendeu ao dizer que o Exército deveria ser usado para combater um grupo muito mais amplo de americanos. Perguntado na emissora Fox

News, que é simpática a Trump, sobre se esperava uma votação pacífica, o republicano citou os inimigos internos.

"Temos gente muito má. Temos gente doente, lunáticos de esquerda radical. E acredito que eles são... e isso deveria ser facilmente tratado por... se necessário, pela Guarda Nacional ou, se realmente necessário, pelos militares, porque eles não podem deixar isso acontecer", disse, entrecortando as frases. "O inimigo interno, na minha opinião, é mais perigoso que China, Rússia e todos esses países."

O único "inimigo" específico que Trump identificou foi o congressista democrata e candidato ao Senado Adam Schiff, a quem

Caitlin O'Hara/AFP



Trump: "O inimigo interno é mais perigoso que China e Rússia"

descreveu como "sem-vergonha" e "grande escória". Mesmo que fosse declarado vencedor no dia das eleições, Trump ainda não teria autoridade sobre a Guarda Nacional ou os militares. No entanto, a sugestão de utilizar o Exército contra os americanos deixa evidente que sua mensagem está sendo radicalizada.

Durante anos, Trump afirmou que um tenebroso "Estado profundo" é a verdadeira força antidemocrática nos Estados Unidos e que ele está ali para defender os eleitores. Mas foi ele quem quebrou as regras democráticas em 2020 ao se negar a reconhecer sua derrota eleitoral para Joe Biden. Agora, semeia dúvidas sobre

se as eleições de novembro serão justas, o que traz o temor de novos distúrbios similares à invasão do Capitólio em 6 de janeiro de 2021 por parte de seus simpatizantes.

Kamala Harris

Na sexta-feira, Kamala Harris, adversária de Trump, divulgou um relatório médico que conclui que os 59 anos da democrata fornecem "resiliência física e mental necessária" para servir como presidente. Ontem, a vice-presidente fez campanha na Pensilvânia, em busca do voto latino, e iniciou uma estratégia para melhor o seu desempenho entre o eleitorado afro-americano.